

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora

Ana Lucia Almeida Gazzola

Vice-Reitor

Marcos Borato Viana

Editora UFMG

Diretor

Wander Mello Miranda

Vice-Diretor

Helôisa Maria Murgel Starling

Conselho Editorial

Wander Mello Miranda (presidente)

Carlos Antônio Leite Brandão

Helôisa Maria Murgel Starling

José Francisco Soares

Juarez Rocha Guimarães

Maria das Graças Santa Bárbara

Maria Helena Dannasceno e Silva Megale

Paulo Sérgio Lacerda Beirão

BEATRIZ SARLIO

A paixão e a exceção

Borges, Eva Perón, Montoneros

Tradução

Rosa Freire d'Aguilar,

Helôisa Jahn,

José Marcos Macedo,

Rubia Prates Goldoni

e Sérgio Molina

Editora UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 — Ala direita da Biblioteca Central — Térreo

Campus Pampulha — CEP 31270-901 — Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3499-4650 | Fax: (31) 3499-4768 | E-mail: editora@ufmg.br

www.editora.ufmg.br

EDITORA
UFMG

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2005 by Beatriz Sarlo

A paixão e a exceção foi editado originalmente em espanhol em 2003. Esta tradução é publicada mediante acordo com a Siglo XXI Editores da Argentina. *La pasión y la excepción* fue originalmente publicado en español en 2003. Esta traducción es publicada de acuerdo con la Siglo XXI Editores Argentina.

Título original
La pasión y la excepción

Capa
Raul Loureiro

Foto de capa
Pinkassov/Magnum Photos

Revisão
Olga Cafalchio
Otadillo Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sarlo, Beatriz.
A paixão e a exceção : Borges, Eva Perón, Montoneros /
Beatriz Sarlo. — São Paulo : Companhia das Letras ; Belo
Horizonte : Editora UFMG, 2005.

Título original: *La pasión y la excepción*.
Vários tradutores.
ISBN 85-359-0677-0 (Companhia das Letras)
ISBN 85-7041-475-7 (Editora UFMG)

1. Aramburu, Pedro Eugênio, 1903-1970 – Assassinato. 2.
Borges, Jorge Luis, 1899-1986. 3. Organização Montoneros (Ar-
gentina) 4. Perón, Eva, 1919-1955. Violência política – Argentina
– História – Século 20. I. Título.

05-4387
CDD-AR64
Índice para catálogo sistemático:
1. Ensaio : Literatura argentina ar64

[2005]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prólogo	9
BELEZA	
Pegue o vestido, disse Eva	17
Paixão, morte e beleza	22
A exceção e o gasto	29
Papéis secundários	39
Nasce a estrela	59
Vestir a estrela	73
Os dois corpos de Eva	87
O patético e o sublime	102
O simulacro (Borges, "O simulacro")	110
VINGANÇA	
Vingança e conhecimento (Borges, "Emma Zunz")	115
Nem esquecimento nem perdão (Mérimée, <i>Colomba</i>)	128
O assassinato de Aramburu	132

Com a palavra, os seqüestradores	138
Os fatos consumados	157
Cristo guerrilheiro	167
As virtudes passionais	178
A era da vingança (Borges, "O fim")	189
Paixão de vingança e exceção	194

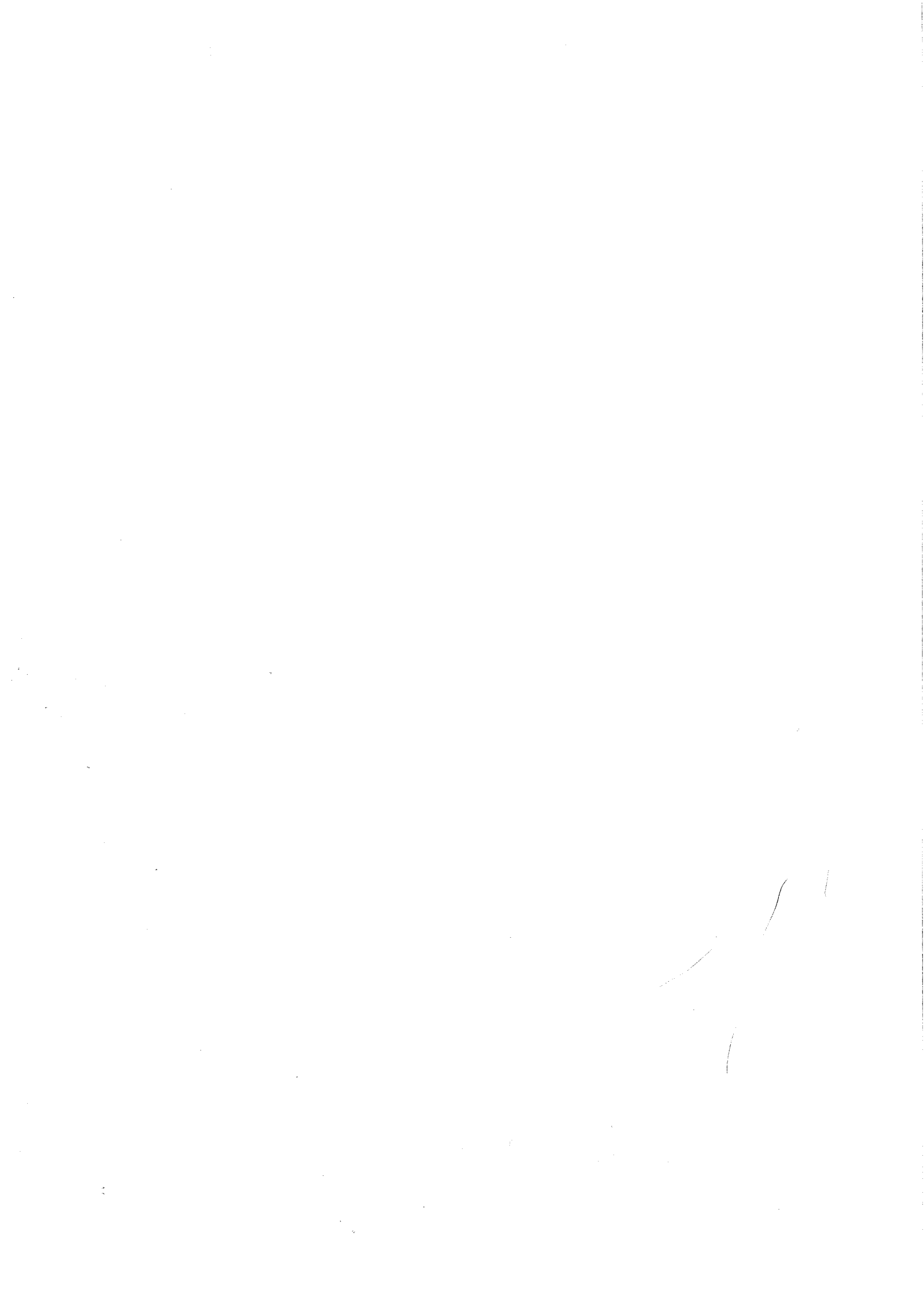
PAIXÕES

O outro duelo	205
"Sou um covarde"	210
O sonho de um <i>matrero</i>	219
Emblemas	229

HIPOTEXTOS

Outra leitura de "Evita Perón"	237
Paixão e conhecimento	238
Gasto	240
Paixão absoluta e fanatismo	242
Virtude e jacobinismo	243
Legislação dos meios de radiodifusão	244
O corpo do rei	246
O sublime	248
Vitupério	249
Espinosa	251
Anacronismo	253
A narração do fato	255
Disfarces	262
Comunicado nº 3 dos Montoneros	263
O projeto político de Aramburu	265
Democratas cristãos	267
Jacobinos	269

As idéias dos Montoneros	271
O terrorismo como personagem do ano	276
A virtude da vingança	278
A exceção	280
Notas	285



nem esplendorosa. Nunca se poderia dizer que tem um jeito distinto ou angelical. Está longe das fotos e das poses das mulheres “normais” que aparecem no noticiário social. É mais delgada, e seu tipo é mais moderno (o que ela explorou desde que assumiu funções públicas), mais parecida com os desenhos que ilustram as novelas em revistas como *Estampa* do que com as fotografias. Quando Eva começa a usar regularmente o cabelo puxado para trás, sem topete nem enchimento no alto da cabeça, ninguém se parecia assim. A nitidez do crânio que prolonga a nitidez do perfil, afilado em poucos anos, separa-a por completo das outras mulheres que, ainda nos anos 50, usam cabelo solto, liso mas ondulado nas pontas, ou gorro com cabelos cacheados, ou um coque na nuca precedido por cabelos ondulados cobrindo metade da cabeça.⁷²

Em janeiro de 1946, a bordo do trem peronista, Eva começou uma viagem rumo ao escândalo. Como primeira-dama, sua crescente singularidade, sustentada tanto pelo excesso de luxo ao vestir “roupa de Estado” como pelo aspecto sóbrio ao vestir “roupa de trabalho”, e originada também numa juventude que não a eximia daquele passado que toda a oposição julgava pouco menos que infame, apóia-se num corpo que, por sua vez, vai seguindo o caminhar da peculiaridade. A esbeltez e depois a doença pesam em favor de seu estilo e diferença.

O que estava na moda durante os primeiros anos de sua carreira, tanto na sociedade portenha como no mundo do espetáculo, foi inalcançável para Evita Duarte, por falta de distinção, no primeiro caso, e de meios econômicos, no segundo. Só entre 1943 e 1945, os bons anos, Evita começou a se distinguir pela roupa, embora ainda não tivesse encontrado um estilo.

Vestir a estrela

Nos anos de atriz, até 1945, Eva não teve uma só imagem, mas duas. De um lado, mostrou-se como mulher paçata, apaixonada e caseira, uma jovem doce e, por momentos, afetada, devindo ao esforço em adotar poses que correspondessem a um ideal de educação elegante (sentada no braço de uma poltrona, com uma xícara de chá, sentada ao piano, arrumando um grande ramallete em vasos de cristal, apoiada numa estante, entretida na contemplação de um quadro). De outro lado, ensaiava uma versão ainda imperfeita da Eva esplendorosa, de vestido de baile ou de noite, com muita lantejola e paetê, lamê, pregueados, decotes profundos embora nunca exagerados, e inadequados chapuzinhos enfeitados com uma *aigrette* ou uma *truche* branca. As duas Evitas eram necessárias à imagem de uma atriz completa. Nos anos de êxito na rádio Belgrano, Eva foi melhorando o estilo, além de adquirir as primeiras jóias valiosas, nada em comparação com o que viria depois nesse capítulo milionário.

Antes de ser primeira-dama, Evita Duarte tinha uma profissão (absolutamente excepcional para uma esposa de presidente:

o caso da mulher de Alvear, cantora de ópera, que se aposenta com o casamento, é muito diferente) que lhe permitiu treinar na composição de sua imagem visual. A roupa de uma atriz obedece também a uma exigência expressiva e representativa, tanto quando ela se mostra na "intimidade" como quando é observada como profissional. Os dois filmes em que Evita teve papéis importantes, o primeiro, *La cabalgata del circo*, como atriz coadjuvante, o segundo, *La pródiga*, como protagonista, ensinaram-na a usar o disfarce de um figurino de época. Nos dois filmes ela veste roupas inadequadas, mas a experiência de usar trajes muito distantes do "normal", um figurino de personagem, permite exercitar um corpo com roupas mais pesadas e diferentes das habituais, como depois serão os grandes trajes a rigor da rainha peronista.

As roupas das atrizes é um assunto que ocupa as revistas especializadas naquele começo dos anos 40. A esse respeito a opinião pública está insatisfeita. Dizem que as artistas de Hollywood nunca deverão se preocupar com a rivalidade das argentinas, sa-lentando assim a "total falta de bom gosto", "o desesperante mau gosto inato", a ausência de estilo, simplicidade e sobriedade, o acúmulo de "acessórios" que estragam tudo, até mesmo quando o vestido é razoavelmente discreto. As fotos que comprovam essas opiniões negativas mostram o corpo roliço de Azucena Mazani enrolado num vestido de noite de franjas bordadas de cima a baixo; Mercedes Simone com um vestido de baile cintilante, decorado com cachos de uvas e coisas ainda piores.¹ Claro que há exceções: Delia Garcés, Zully Moreno, Amelia Bence, e mulheres como Thilda Tamar, cujo tipo requintadíssimo suportava qualquer torpeza do vestuário. Os comentários estendem-se ao figurino cinematográfico, caso especial que, vola e meia, não é solucionado por especialistas, mas pelas próprias atrizes, que usavam no set o que pensavam que lhes caía bem.

Pouco se sabe das roupas de Evita Duarte antes da fase de

CORPO

sucesso, que começa em outubro de 1943. As fotos anteriores são produzidas com um figurino ad hoc: um vestido de alcinha, um short e camisa de praia, a camiseta do Boca Juniors, um maiô, um *deshabillé* de florezinhas e franjas, nada que permitia prever o estilo nem o papel central que a roupa terá em sua imagem de exceção. Quando começaram a ser publicadas as primeiras reportagens com fotos, em fins de 1943 e início de 1944, Eva Duarte não tinha estilo. Só têm estilo seus penteados impecáveis, mais elaborados do que serão no futuro, mas bem definidos e resolvidos, sem cachos soltos, sem rolos, tenso, com enclimentos volumosos, o cabelo solto liso e simples. Os penteados já são totalmente ela. Mas as roupas são um pouco irrelevantes, embora variadas e em quantidade.

Em outubro de 1943, quando se inicia a campanha de imprensa em torno da nova estrela da rádio Belgrano, *Antena* publica uma reportagem ilustrada em que Evita Duarte mostra vários modelos de primavera de sua "coleção". São quatro poses bem convencionais (fechando a bolsa como se estivesse saindo para as compras, arrumando cravos num jarro, olhando-se num espelho de corpo inteiro e apoiada numa parede clara, retocando-se com um estojo de pó-de-arroz). As roupas — um vestido de seda natural listrada, um de xantungue branco, outro de seda natural estampada, um casaco de brocado claro com saia preta — são discretas: uma jovem da pequena burguesia com roupas decentes, de bons tecidos, listras e estampados bem combinados. Mais simples que muitas de suas colegas artistas e, evidentemente, muito longe de um resultado glamouroso ou de um golpe de efeito.² Dir-se-ia que ela procura um estilo fino, como Delia Garcés. A roupa de andar na rua ou em casa mostrada por Eva nesses anos inclui muitas blusas de seda, de uma ou duas cores, muitos chemisiers e vestidinhos de flores (como os vestidinhos de algodão, simples, que usa em certas fotos da campanha de 1946).

Naturalmente, há dois itens em que Eva começa a construir a excepcionalidade: a roupa de festa e coquetel, e o tailleur. Mecha Ortiz era mais elegante, Zully Moreno impressionava muito mais, sem dúvida, mas Eva também encontra seus aliados nos brilhos, nas sedas e jóias. Pouco a pouco vão aparecendo os anéis, broches e pulseiras, à medida que o cabelo vai ficando dourado. Annemarie Heinrich fotografa-a em fevereiro de 1945 para a capa de *Antena*.³ A foto mostra Evita na transição para uma imagem luxuosa, que até então não tivera (os decotes e drapeados nas festas da rádio Belgrano são indecisos e mal cortados). Usa um top muito original: blusa de malha preta bem aberta de paetês sobre body branco, com um reforço dos bordados na gola e nos ombros. Tudo brilha: as meias-luas de diamantes nas orelhas, os dois anéis, a pulseira de ouro e a de prata, o cabelo decididamente louro. Portadora dessa exibição de luzes, Evita Duarte tem uma expressão severa e concentrada, de braços cruzados sobre o peito.

— Seu guarda-roupa [comenta o jornalista de *Radiolandia*] tem fama de ser um dos mais luxuosos do momento...

— Luxuoso, não. Completo, sim.

— Teríamos de saber o que chama de completo.

— Ter tudo aquilo que nós, mulheres, apreciamos. Mantôs, vestidos, sapatos, bolsas, jóias... Se bem que minha paixão, confesso, sejam os vestidos e as peles. Gosto das jóias, mas não me comove. Em matéria de vestidos tenho a sorte de contar atualmente com os três costureiros mais em voga em Buenos Aires: Jamandreu (sic), Thomas Haig e Campana. Os três dão prioridade a meus pedidos... E posso afirmar-lhes, embora vocês, homens, não entendam muito disso, que em matéria de modelos tenho exclusividades magníficas... Não é minha única paixão. Adoro as flores e os perfumes.⁴

Evita fez essas declarações, que apesar de convencionais não são suspeitas, em fevereiro de 1945. Dois meses depois, voltou a exibir modelos na mesma revista: um traje a rigor de duas peças com bordados e aplicações de cetim nos quadris (nada muito juvenil, efeito contido, longe do risco de sensualidade); também antecipa imagens das roupas que usará em *La pródiga*, cuja filmagem enfrentou milhares de dificuldades, não chegou a ser lançado e no qual Eva substituiu Mecha Ortiz. Esse figurino é uma catástrofe em matéria de ostentação, um disfarce de um falso século XIX, com algo de imperatriz Carlota representando uma senhora aldeã espanhola num filme argentino.⁵ O figurino teria custado 30 mil pesos: "Todas as minhas aspirações de costureiro — diz Thomas Haig — se realizaram... não é fácil manter-se à altura da juventude, beleza e elegância de Evita... Todo o luxo das sedas, veludos, peles, rendas e bordados...".⁶ Esse figurino disparatado, que não combina com a atriz nem com o argumento camponês do filme, foi provavelmente o último passo em falso da elegância de Eva. Os exageros que vieram depois são diferentes porque, esses sim, tinham grande estilo.

Antes, Evita Duarte recebeu a consagração modesta de uma seção, "Desfile de modelos", muito lida na revista *Antena*:

Acaba de ser inaugurado o ateliê de Jaumandreu. Uma festa bonita e simpática em que o destino dividiu o público em dois grupos: a turma do cinema e uma turma de senhoras retraiadas e virtuosas... A mais elegante só apareceu quando Evita Duarte fez sua entrada no salão. Público sua fotografia porque foi também a mais elegante que vi esta semana. Usava vestido e casacação pretos, com adornos dourados no decote, formando um colar; chapéu amarelo *chartrouse* e brincos de brilhantes e pérolas.⁷

Realmente, a foto mostra uma Evita muito próxima da imagem procurada de elegância respeitável, mas ao mesmo tempo traz o risco de deixá-la deslumbrante — glamourosa, pelo menos uma vez, para os padrões locais. O chapéu de *chartruse*, de copa muito baixa e aba chata, fica esplendidamente assentado sobre o topete simples que leva o cabelo liso para cima. Na lapela preta, o broche brilha discreto mas ostensivo. Essa toalete não é uma tentativa nem uma imitação medíocre. Sente-se a proximidade, resultado da recomendação de Perón, com o costureiro Paco Jaumandreu, inventor do grande traje evitista: o *tailleur principe-de-gales*.

Perón escolheu no mundo do espetáculo um estilista para Evita. Jaumandreu vestia as estrelas na vida real e nos filmes. Também vestia, justamente, Evita, sua cliente preferida, que, segundo dizem, recusou-se a ser apresentada ao coronel Perón quando ele andava em busca de uma companhia vistosa e desenvolta, como Zully Moreno, a Eva que não foi.

VESTIR A RAINHA

A roupa de Eva foi um negócio de Estado para um regime que descobriu as formas modernas da propaganda política e o peso decisivo da iconografia. A rádio e a praça foram o meio e o espaço a que o peronismo deu um uso inusitado pela intensidade e pelo ineditismo. As publicações ilustradas do regime levaram adiante uma política altamente visual, em que dezenas de fotografias diárias (em *El Mundo* são literalmente dezenas) confirmavam a presença das vozes radiofônicas e aproximavam os corpos dos líderes. O aspecto altamente visual da cultura peronista encontrou no corpo de Eva um suporte que já tinha se pre-

parado para ser visto, mostrar-se e repetir-se em gestos e poses, durante os dois anos de êxito de sua carreira de atriz.

A excepcionalidade cultural do peronismo alimentou-se do cuidado com essas questões que, antes, podiam parecer secundárias. Escolher os vestidos de Eva não foi uma tarefa banal, e só uma percepção desatenta da natureza de seu carisma negligenciaria essa missão. Eva foi amada por sua obra e pela maneira como a representava. Ação e representação são inseparáveis: o lado pessoal da relação de Eva com seu povo apoiava-se numa demonstração incessante, repetida mas capaz de renovar o efeito do “maravilhoso”, da presença que, sobre a repetição, construía também uma ilusão de proximidade.

“Vesti Eva Perón no começo de minha carreira e no começo de sua carreira política. Depois, por alguns anos não a vi. Começou a se vestir em Paris.” A citação é do primeiro costureiro de Eva Perón. As *Memórias* de Paco Jaumandreu são escritas por uma espécie de Manuel Puig espontâneo que não domina de todo o ofício da escrita mas é igualmente atraído pelas focas do mundo do espetáculo, pela beleza das estrelas, pela suntuosidade dos cenários e pelo destino das mulheres que vai conhecendo. Tem sensibilidade *camp*, sentimentalismo e perspicácia. Dócil e muito jovem, construiu com audácia e sorte uma carreira de figurinista de cinema e teatro (tinha vestido as divas mais famosas da Argentina em filmes modernos ou de época), e de desenhista de moda, quando essas profissões eram incipientes em Buenos Aires, excetuando-se as casas de modistas francesas que abasteciam a classe alta entre uma viagem e outra à Europa. O ofício de Jaumandreu exigia não só destreza e imaginação mas habilidade mundana. Sabia responder aos arrufos temperamentais de mulheres carismáticas, embora até conhecer Eva Duarte nunca tivesse circulado perto do poder (por confidências de provador, conhecia políticos e militares que eram amantes das atrizes).

Nem todas podiam se vestir com Jaumandreu, e, quando Evita Duarte se gaba de que suas encomendas passam na frente das de outras, está atribuindo a ele e atribuindo a si um lugar. Jaumandreu conheceu Eva quando ela começava um caminho que "podia levá-la à glória ou ao inferno". Foi esse o comentário de outra atriz, ao ser informada de que o haviam chamado para aconselhar e vestir a nova primeira estrela da rádio Belgrano. Evita precisava retocar sua imagem um pouco banal, potencializar suas qualidades (a estatura, as pernas e braços longos, os dentes bons, o cabelo bonito e a pele perfeita, a regularidade nada vulgar do nariz, o perfil fino, a vibração deslumbrante da pele). Jaumandreu foi uma peça da máquina que montou o espetáculo que, pouco depois, seria de extrema originalidade. Mas não foi um empresário do showbiz quem teve a idéia de aperfeiçoar a imagem de Evita Duarte, e sim Perón. "Eva Perón é um produto meu. Preparei-a para que fizesse o que fez."⁸

O costureiro visitou Eva no sábado seguinte à sua chamada:

Pareceu-me altíssima e muito descorada. Sua pele impressionou-me desde o primeiro dia; branca, transparente, incrível. Conheci pouquíssimas mulheres com uma pele semelhante, quase transparente, como de marfim. Era loura, de passos muito grandes e decididos. Usava calça de cetim cinza-prata, um chemisier azul-claro e sapatos brancos com grandes plataformas de cortiça. [...] Fez-me passar a um quarto de vestir que tinha dois armários. Entre os dois estendia-se uma barra grossa da qual pendiam casacos de pele, longos e curtos, raposas prateadas, raposas azuis, lontras, fora de moda. Fiz com que visse que peles daquele tipo eram para figuras de segunda classe e que estavam démodé. Sorriu. Seu sorriso era cativante, iluminava-a. Pediu-me tecidos e desenhos.⁹

Nessa tarde, Jaumandreu iniciou uma relação profissional que prosseguiu por dois ou três anos, até que as roupas de Eva começaram a chegar diretamente de Paris, enviadas pela casa Dior. Afastou-a dos ostentosos casacos de raposa e dos tecidos arrapeados, que evocavam os típicos presentes masculinos recebidos em troca de favores ou realçavam a ânsia de ser notada de uma atriz que tinha passado alguns anos num tedioso segundo plano. Deu a Eva o look ultramoderno, aquele look Garbo de Evita trabalhando como uma Ninotchka do peronismo.

O ESTILO

Qualquer comparação de Eva Perón com outras mulheres que aparecem nas fotografias da época mostra que ela se diferenciava por um estilo menos sujeito às afetações da moda, que favorecia os penteados com enchimentos, o rosto arredondado, a maquiagem ingênua com lábios em forma de coração, as pregas, rendas de bico e franzidos, os chapéus carregados, a cintura de vespa.¹⁰ Eva resplandece mais intemporal, num cruzamento de duas figuras do cinema, uma do passado, Greta Garbo, e outra do futuro, Audrey Hepburn. Evidentemente, seu corpo sem curvas marcadas, cada vez mais delgado, contribui para a ilusão de que ela está acima ou além da moda. O que podia ser uma desvantagem quando Evita Duarte resolveu seguir a carreira de atriz aparece como qualidade de sua beleza intocada pelas marcas mais evidentes do caráter perecível da moda.

Por motivos que provavelmente tiveram a ver com Jaumandreu (e que contradizem o tipo de roupa que de hábito ele desenhava para as atrizes), Eva conseguiu um estilo limpo e angular, que hoje parece menos contaminado pelo rebuscado um tanto pegajoso da moda feminina do pós-guerra, até mesmo da criada pelos melhores estilistas internacionais.

